

# 5th April 2016 **Apontamentos e observações em torno do filme Timbuktu**



[\[https://1.bp.blogspot.com/-08PbLd-](https://1.bp.blogspot.com/-08PbLd-)

[HXTU/VwMvzvpB23I/AAAAAAAAAChs/t-KwR2vexeUicXRMuQO-MA5ncWYksFduQ/s1600/Timbuktu.Abderrahmane%2BSissako.jpg\]](https://1.bp.blogspot.com/-08PbLd-HXTU/VwMvzvpB23I/AAAAAAAAAChs/t-KwR2vexeUicXRMuQO-MA5ncWYksFduQ/s1600/Timbuktu.Abderrahmane%2BSissako.jpg)

**Penso, logo, existo.  
Descartes**

**Olho para o espelho  
E não me vejo  
Não sou eu quem lá está  
Senhores  
Onde os meus tambores  
Onde estão meus orixás?**

**Excerto do poema "Eclipse", Carlos de Assumpção.**

**Primeira parte.**

**23 March 2016 - 12:55 PM. “Oi, veinho! Tô desafiando você a colocar suas impressões sobre o filme Timbuktu (...). Você nos dá a honra de seus pitacos? Eu agradeço... Lu Stoker”.**

**Sinopse: Não muito longe de Timbuktu, agora governada por fundamentalistas religiosos, Kidane vive no deserto com a mulher Satima, a filha Toya e Issan, o pastor de doze anos. Na cidade, as pessoas sofrem com o regime de terror imposto pelos fundamentalistas. A música, o riso, os cigarros e o futebol foram banidos. As mulheres tornam-se sombras mas resistem com dignidade. Todos os dias, os tribunais improvisados decretam leis e sentenças absurdas e trágicas. Kidane e a família têm sido poupados ao caos que reina em Timbuktu. Mas o seu destino muda quando Kidane mata acidentalmente Amadou, o pescador que matou GPS, a vaca preferida da sua manada. Kidane terá então de enfrentar as leis dos ocupantes fundamentalistas. Fonte: mag.sapo.pt/**

**Tarde de Sábado de Aleluia. Eu ainda não havia visto o convite da Lu. Timbuktu fora baixado no momento em que o vi no fórum. E o coloquei na lista para exibição e debate na programação 2016 do Cineclubes Afro Sembene. Devido à falta de óculos não pude assisti-lo no cinema. Faz tempo que não entro no Reserva Cultural, e por não lembrar o tamanho da sala resolvi não arriscar a perder detalhes.**

**Por teimosia minha migrei apenas para sinal e conversor digital em vez de aderir a tv por assinatura. Mesmo assim o telemarketing descobriu meu email e lota a caixa de spam. O mesmo tem ocorrido com o meu celular. Diariamente recebo aviso de torpedo de voz. Liguei pensando ser de algum contato e descobri tratar-se de mensagens celestes. Olivetto Toscani publicou um provocante livro, a começar pelo título: “A Publicidade É Um Cadáver Que Nos Sorri”. Zapeando canais para entreter os afazeres domésticos, deparei com um exorcismo eletrônico, promovido por neopentecostais. Um apóstolo, em rústicos trajes parecidos com pastor nos tempos bíblicos, inquiria um rapaz prostrado de joelhos, mãos para trás, falando numa língua ininteligível. A situação dele ali me remeteu aos exus nos terreiros de umbanda, cobrando dívidas devidas pelos filhos de santo, às vezes até em locais tidos como inapropriados. E se tem algo que Exu sabe muito bem é o de cobrar. Quando precisam dele e dos orixás a ajuda sempre vem. Depois esquecem. Bem ao contrário do embate espiritual utilizado pelas “técnicas de geração de propaganda” (consulte o verbete Propaganda, na Wikipédia) como ferramenta religiosa não somente para expulsar “demônios” como também para sensibilizar possíveis adeptos e angariar novas almas ao rebanho. Um dado escamoteado é que Exu é o reflexo mais próximo da natureza humana, segundo as religiões de matriz africana. Contudo, é a religião dos vencidos. Algo tipo Golias e Davi.**

**Tentei ceder a tentação de acompanhar o ritual até o já esperado desfecho. Mas não tive “estômago”. Tanto físico quanto alusivo ao filmico. A encenação, além de forçada, souo amadorística em demasia. Seria preciso estar em avançado estado desesperador para ser convincente. Lembrei dos Tribalistas: “Não tenho paciência pra televisão/Eu não sou audiência para a solidão”. Saturado pelo polarizado embate político incendiado pela mídia optei pela TV da Cidade. Conhecida também TV Áudio. Melhor ouvir apenas música ilustrada por belas imagens naturais! Meu partido é o Brasil; que já nasceu partido. Prefiro Sandra de Sá e seus “Olhos Coloridos”! Tive opções. Mas, e quem não tem? Horas mais tarde a autocensura baixou. Devia ter posto para gravar e depois assistir com o devido distanciamento e munido de meios comparativos.**

**Segunda-feira. Um noticiário radiofônico informou que os grupos jihadistas que ocuparam Palmira não destruíram alguns sítios arqueológicos. Refletindo a notícia, comentei com uma colega sobre qual deve ser o estrago, a destruição de espaços culturais e referencias históricas milenares? Ela respondeu ser uma grande perda para todos quando fanáticos ou extremistas misturam religião com política e a usam como argumento. Será que Deus mandou de fato elas agirem assim? Não respondi, mas pensei com meus botões que interpretações, dogmas e conceitos extraídos dos livros sagrados em geral carecem ser revistos.**

**O assunto remexeu a estante da memória. Tim Maia, por exemplo, detonou sua discoteca quando se converteu à Imunização Racional. Assim atesta sua biografia. Um amigo cinéfilo pôs fogo na sua videoteca. Os livros referenciais de uma poetisa, cujos textos apresentam questionamentos religiosos, agora estão por ela postos a revisão quando alguém os declama, sob a alegação de terem sido escritos quando ela ainda não havia encontrado seu Salvador. Sob a alegação de local inapropriado para repratamento e devida conservação, várias esculturas e máscaras africanas surrupiadas no período colonial e pós-colonial figuram em museus europeus e em coleções particulares. O livro-catálogo Arte da África – obras-primas do museu etnológico de Berlim, resultante de exposição homônima no Centro Cultural Banco do Brasil, em 2004, despertou-me esta impressão. Pode ser loucura minha, mesmo assim penso que é algo digno de investigação e rastreamento. Tipo “Caçadores de Obras-primas” (The Monuments Men), de George Clooney, 2014. O problema é quem se habilita a defender tal processo quando se trata de África? Tudo de ruim vem sempre de lá. Recentemente, depois da AIDS, até o mosquito transmissor da Zika! É como se estivessem fazendo um favor para a África.**

**Segunda parte.**

**“Eu sou assim, quem quiser gostar de mim, eu sou assim”. Gosto de música, cinema, televisão, literatura e história em quadrinhos. Desde os tempos de criança. Sem ressalvas étnicas ou censuras ideológicas. Entre a adolescência e a juventude eu pirei nos seriados japoneses e nos romances e filmes de faroeste. Com o advento dos “olhos da crítica entrar em ação”, assim nomeada por Cidinha da Silva numa crônica presente no livro “Cada Tridente Em Seu Lugar”, durante e pós Movimento Soul (cujos expoentes foram Toni Tornado, Gerson “King” Combo, Carlos Dafé e Banda Black Rio). Confluentemente ao surgimento do Movimento Negro Unificado, na virada da década de setenta e início dos anos oitenta, algo despertou a sensação de que algumas coisas na proclamada “democracia racial brasileira” não se encaixavam. Comecei a fazer perguntas. Simonal abriu caminho com Tributo a Martin Luther King. Jorge Ben veio com Negro é Lindo. Tim Maia chutou o pau da mesa com Rodésia:**

**"Em Guiné-Bissau/Não está legal/Muito menos na Rodésia/África do Sul/Pegue o sangue azul/Mande para as cucuias/Só assim vão ver/Que o preto é bom/Mas é valente também/Meu irmão de cor/Chega de pudor/Pois assim não é possível/Toma o que é seu/Pois foi Deus quem te deu/Bela natureza triste/Foi deixar pra lá/Mas assim não dá/Veja o que aconteceu/Vai bem devagar/Vai bem como és/Mas vai bem objetivo/Pegue o que é seu/Viva livre em paz/Pois a sua terra é esta/Sei que és do som/Não és de matar/Mas não vais deixar pra lá".**

**A partir delas, inúmeros pontos de interrogação ao racismo cordial eclodiram e se repetem em questionamentos até hoje. Em parte por inquietações pessoais, familiares e vivências cotidianas; em parte estimuladas por autores quando tomei gosto pela literatura e incentivado por mestres e professores incendiários quando voltei a estudar. O contato com militantes negros me levou a autores africanos e afro-americanos. A partir daí não fui mais o mesmo. Um universo até então desconhecido vem se revelando.**

**Passada a fase de deslumbramento com Shaft e a série televisiva do detetive Falcão outras constatações surgiram. Pixinguinha, Miriam Makeba, Duke Ellington, apenas para citar, tiveram vidas exemplares e carreiras de sucesso. Por que até o presente momento nenhum diretor ou produtor se habilitou a filmar suas biografias? É por falta de roteiros ou do que? A preferência tem sido pelos alcoólatras, drogados, depressivo-suicidas. Nada contra. Apoiando-me na jornalista Luciana Barreto penso que referências positivas também se fazem necessárias.**

**Incomodado me senti com os fins trágicos ou miseráveis de personagens negros no cinema brasileiro e afro-americano, a exemplo de Tião, em Assalto Ao Trem Pagador, Na Época do Ragtime (Ragtime), A Moreninha, Sudie & Simpson – Uma Amizade Proibida (Sudie And Simpson), dentre outros, seja cá e lá. Comecei a caçar agulha no palheiro. Tem uma frase no conto**

**“Emboscada”, de José Alberto, presente no livro 14 de maio, do tipo moral da história: “nem sempre perdemos”. E com base nela e influenciado pelo livro e série “Negras Raízes”, adaptado da obra homônima de Alex Haley, passei a fazer observações e indagações. Não no sentido de nivelar a senzala à casa grande pela ótica freiriana ou de integrar a classe segundo o conceito florestaniano, mas de entender. Afinal, julgar e condenar é fácil; compreender é mais complexo. E no mundo em que vivemos ninguém quer mais trabalho do que já tem. Desse modo aceita ou engole o mais fácil e prático, segundo o que está em voga pela maioria. Principalmente quando já vem pronto e destrinchado.**

**O lado bom neste momento crucial foi um amigo ter me presenteado com “O Harlem é Escuro”, romance de Chester Himes. Por meio deste soube da existência de outras obras deste escritor dedicado ao gênero policial. E assim pude tomar contato com os detetives Ed Caixão e Jones Coveiro. A Maldição do Dinheiro (For Love of Imabelle, 1957) foi transformado em filme sob o título A Rage in Harlem, em 1991. Até o presente não foi lançado no Brasil. Talvez esteja no Netflix. Por ele cheguei ao livro e filme “A Cor Púrpura”.**

**Venho da periferia, de família humilde, atuante nos setores doméstico e braçal em sua maioria. Cursei todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas, intelectualmente desaparelhadas. E concluí ambos pelo supletivo. Hoje denominado EJA. Até aquele momento meu contato com acadêmicos era quase zero. Em meio às limitações, uma coisa ficou subentendida e não aceita. Algo como o título de um livro de Clóvis Moura: “O negro, de bom escravo a mau cidadão?” Por essas e outra eu deveria ficar no meu lugar. Mas qual é o meu lugar?**

**Com a inquietação vieram cobranças para com a ausência de filmes de negros e sobre negros não somente no cinema ou na televisão, mas também nas locadoras, com o surgimento de Spike Lee, Denzel Washington, Louis Gossett Jr., Morgan Freeman, Samuel Lee Jackson, Forest Whitaker, dentre outros, que tinham uma pegada diferente de Sidney Poitier. Até então por mim conhecido apenas em Ao Mestre Com Carinho e alguns outros filmes pouco relevantes para o meu entendimento naquele momento.**

**Do cinema americano comecei a questionar o brasileiro, tendo por base os filmes protagonizados por Milton Gonçalves, António Pitanga, os mestres Zózimo Bulbul e Grande Otelo, Ruth de Souza, Zezé Motta, e comecei a perceber distinções e semelhanças com o que eu havia tido contato como cinema africano. Até então, nos três, roteiro, produção e direção não eram por negros ou oriundos dos países retratados. Algo como os filmes com pegada social que vem sendo produzido no Brasil por realizadores da classe média. Engajamento ou Mercado? Mesmo com a emoção aflorada por “Zulu”, “Um Grito de Liberdade”, “Sarafina”, “Infância Roubada”, dentre outros, apenas para citar, a fome não aplacava. Era como se fossem bonecos de ventríloquo num teatro de marionetes. Ou “A Cabana do Pai Tomás”, cuja versão brasileira foi polêmica, seguida de “Escrava Isaura” e não nos esqueçamos de “Gabriela” ou de “O Nascimento de uma Nação” (The Birth of a Nation), D.W. Griffith. E os atores e atrizes negros? A situação amenizou um pouco devido à participação ou coordenação da série Cadernos Negros, e do lançamento e aquisição de quase todos os volumes da coleção “Autores Africanos”, publicada pela Ática e da coleção “Romances da África”, publicada pela Nova Fronteira. Ficou de fora “História Geral da África”, por apertos financeiros. Atualmente ela está disponível em pdf no site da Unesco.**

**Os africanos, até onde apreendi, independente da epiderme tem algo a seu favor e que os congrega aos demais do continente: eles estão na terra deles em luta contra o intruso. Algo parecido aos indígenas nos filmes de faroeste, os quais se revistos por outra ótica, estavam na verdade lutando pelas terras deles quando os colonos as invadiram. Em África, as questões e conflitos, muitas vezes milenares são, em tese, tribais e territoriais entre povos predominantes. Por exemplo, os embates em Angola se dão entre quimbundos e umbundos; na Nigéria entre ibos e iorubas; em Rwanda entre tutsis e hutus; na África do Sul entre zulus e xhosas; e assim por diante. Muitos deles acirrados após a chegada e ocupação européia no continente, cuja visão dominadora é “dividir para governar”. É preciso conhecer e entender distintamente a história,**

**filosofia, cultura, costumes de cada povo em seus meandros para compreender o todo. Não em partes dicotômicas. Macumba é nome de um instrumento. Mandinga, Madingo ou Mandinka é nome de um povo da África Ocidental. Uma escultura, uma máscara (vemos algumas sendo metralhadas no início do filme) não é mero ornamento. Sembene já nos alertou em “A Negra de...” (La Noire De...). Detalhes como estes diferem do Brasil e da América onde quase todas as pessoas são vistas, rotuladas e classificadas como negras. Ponto. E tratados como seres bestificados e sem árvore genealógica. A questão religiosa se confunde com a cultural. Existem africanos muçulmanos, cristãos, animistas, dentre outros. Aqui no Brasil, a falta de identidade étnica é compensada através das escolas de samba, blocos afros, entidades culturais, terreiros de umbanda e candomblé, dentre outros.**

**Quando ganhei e assisti Moóladé, de Ousmane Sembene, de um colega de classe, filme onde as mulheres são proibidas de ouvir rádio, quase cai da cadeira. Sem saber como explicar vi movimentos cinematográficos dentro dele. A começar pelo Pagador de Promessas, Rio Zona Norte e Rio 40 Graus, que eu havia assistido antes dele. Sabe aqueles fins de semana que você tira só para assistir filmes?**

**As aulas de História do Cinema na ELCV, ministradas pelo professor Milton Biscaro começaram a fazer sentido. Mas noutro contexto e recorte. Vi um cinema africano embrionário, levando para as telas histórias e pontos de vistas que de certo modo estava presente na literatura pró-independência. Grosso modo concluí que o cinema e a literatura feita em África, mesmo por vias transversais caminham juntos. Um em complemento ao outro. Xala, de Ousmane Sembene, “O Último Vôo do Flamingo”, de João Ribeiro; Sambizanga, de Sarah Maldoror; Na Cidade Vazia, de Maria João Ganga, são alguns exemplos deste casamento entre a literatura e o cinema literatura feitos por africanos.**

**A partir daí passei a escarafunchar a nossa praia. Até décadas atrás eu desconhecia Frente Negra Brasileira; Imprensa Negra; o Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento, autor de “Dramas para negros e prólogo para brancos”, cujo prefácio por ele escrito à peça em livro “Sortilégio II - o mistério de Zumbi Redivivo” é um verdadeiro inventário sobre o teatro negro no mundo. Equivalente ao catalogo da Mostra de Cinema Nigeriano "Bem-Vindo a Nollywood: Tunde Kelani" realizada em São Paulo, 2011.**

**Terceira parte.**

**Penso comigo pelo aqui exposto não ser o único a ter tal trajetória, ignorância, acesso e compreensão engatinhante, seja no Brasil ou no mundo. E acredito ser pertinente compartilhar com quem possa interessar este relato. Se for desnecessário e cansativo, não foi a minha intenção. Afinal, expressar opiniões por escrito sobre uma cultura e um país, ou melhor, sobre um continente composto por mais de cinquenta países, que ainda desconhecemos com os nossos olhos; um continente que nos chega pela mídia sempre de forma distorcida, exótica, selvagem, arbitrária; tendo por base apenas enredo e cenas agudas de um filme como “Timbuktu”, é algo de suma responsabilidade aos que vem aprendendo a ter bom senso. Cair em armadilhas ou em areias movediças criadas pela educação e visão eurocêntrica e imperialistas ainda vigentes no mundo é um pulo. Sobretudo quando se trata de países emergentes, não muito tempo atrás citados e tratados pela sociedade, governos e meios de comunicação como de terceiro mundo. Ou seja: civilizados versus primitivos; evoluídos contra atrasados. A questão, do ponto de vista humano e social, que também é de ótica, é saber quem são os desenvolvidos e os retardados? Estes quando postos em situação “Limite”, numa alusão e licença poética a Mário Peixoto. Tem um filme, “O Discreto Charme da Burguesia”, do Buñel. Não nos esqueçamos de “O Bebedor de Vinho de Palmeira”, livro de Amos Tutuola, onde o absurdo nos acima citados também se faz presente. Bastou assistir “Timbuktu” na noite de segunda-feira, pensar a respeito do que escrever e uma comporta se abriu.**

**O cinema africano feito por africanos, a partir dos anos 1960, é um jovem senhor de cinqüenta e alguns anos. Para entendermos um pouco do que vem sendo produzido se faz necessário ver, rever, nos revisar e repensar os ditos cânones. Se faz necessário questionar o que e como foi largamente produzido sobre o continente, antes e durante o período em que diretores e produtores africanos tornarem-se idealizadores e protagonistas dos filmes que vêm realizando? Sim. Um confronto entre Ousmane Sembene e Jean Rouch, afirma e intitula o debate: "Vocês nos olham como se fôssemos insetos". Neste contexto se faz necessário debruçarmo-nos desde o cinema clássico ao nosso Cinema Novo. Incluindo o Novo Cinema (português), o Cinema Russo, o Neo-Realismo Italiano, a Nouvelle Vague francesa, as reportagens, os documentários, e o Cinema do Japão. Em especial, os filmes do mestre Yasujiro Ozu. Neles, algumas técnicas do mestre japonês, utilizadas por Ousmane Sembene - a câmera baixa, por exemplo - fazem-se presentes. Suponho, com base visual e por falta de informação para afirmar, que Sissako, em referencia aos mestres, também as utilizou em Timbuktu. Nele, várias cenas domésticas e familiares são captadas em câmera baixa. Inclua-se também para melhor entender esta nova filmografia as narrativas em lendas, fábulas, crônicas, contos, genealogias contadas e cantadas pelos Griots.**

**Ao longo destes um pouco mais de meio século, desde que os primeiros africanos resolveram se emancipar (começou com cineclubes), a empunhar uma câmera, vem ocorrendo uma inversão de olhares, um confronto de valores, uma troca de mãos e por que não dizer um enfrentamento e revisão política da história do colonizado frente o colonizador. Algo semelhante à presença do negro na literatura, cinema e no teatro brasileiro feitos por ele mesmo. Tento imaginar como vai ser o cinema, seja ele artístico ou comercial, quando povos indígenas brasileiros ou estrangeiros começarem a produzir seus próprios filmes em escala competitiva. Não no sentido de campeonato. Mas de conteúdo, de modos narrativos, de proposta estética. Algo como o Cinema do Irã, da Índia, da Tailândia. Tal pensamento me reporta ao título de um livro, "Se Me Deixam Falar", de Moema Viezzer. Que nestes tempos digitais pode nos remeter a "Cinco Câmeras Quebradas" ou "Um Salve, Doutor". Com a revolução tecnológica e Internet quase livre, agora não mais se pede ou espera licença. Faz-se com os recursos e parceiros afins e mais próximos e manda o convite pelo correio eletrônico ou redes sociais para a estreia. No Brasil, não tem sido, a polícia primeiro mata e avisa depois? Os jovens cineastas e os antenados estão usando táticas parecidas. Gostemos ou não. Concordemos ou discordemos está feito. Ponto. Cabe agora fazermos melhor sobre o que fizeram. Quem ganha com esta disputa? A arte. O público. A história... Com base na Lei 10.639/3 deveria haver uma cota de filmes afro-brasileiros e africanos no cinema e na televisão.**

**Quarta parte.**

**Vejo Abderrahmane Sissako como um provocador no sentido poético. Venho observando que seus filmes são contundentes denúncias aos regimes autoritários e construídos com elementos que nos permitem análises históricas, psicológicas e comportamentais. Porém tratados com "leveza e envolvimento". E como recurso ele se expressa por meio da poesia visual. Ora objetiva, ora subjetiva, ora desconcertante como a boa poesia nos instiga para sairmos do lugar comum e darmos o salto qualitativo. Uma estratégia eficiente tanto narrativa quanto de comunicação com o público iletrado ou mediano, num continente que abriga três idiomas externos (inglês, francês, alemão como língua oficial); milhares de idiomas internos e centenas de dialetos. O cinema mudo e as animações sem dialogo que nos digam.**

**Uma voz anônima dita uma lista de proibições, em modo continuo, pelos sistemas de alto-falantes. Algo como os Dez Mandamentos. Enquanto isso, parafraseando Zé Ramalho, "a vigilância cuida do normal" para conferir se as normas transmitidas estão sendo respeitadas. Reporta-nos a 1988 ou Inimigo do Estado. As abordagens que este diretor faz nos jogam tanto a favor como contra nós mesmos. Se existem maniqueísmos nos filmes de Sissako, penso que eles são reflexos de espelhos em nós. Seja em que tempo ou lugar for. É impossível ficar impassível diante dos seus filmes. Assim é em "Bamako", "A Espera da Felicidade (Heremakono)" ou "A Vida Sobre A Terra" (La Vie Sur Terre). Timbuktu tem um ponto de referência e semelhança, os quais**

**muito se parecem com a cultura e comportamento nordestino, me apegando a vivência e contatos. O silêncio perante estranhos; a gestualidade contida; a economia de palavras; o olhar ora enviesado e reflexivo e ora franco e sincero, muitas vezes direto, penetrante, perturbador; o amor e proteção incondicional à família; a fé inquebrantável no poder superior. A mesma fé se expressa no cântico da garota sendo chicoteada por ter infringido a lei. Pena que a cantiga está sem legenda. Remeteu-me a *Nha Fala*, de Flora Gomes. Este mesmo silêncio cortante feito navalha e denuncia por meio da poesia visual como recurso narrativo estão presentes em *Um Homem Que Grita*, (*Un Homme Qui Crie*), de Mahamat-Saleh Haroun. Por ângulos diferentes parece que ambos os filmes dialogam um com o outro. Cada um a seu modo.**

**A cena de mímica do jogo de futebol me lembrou daqueles solos onde a imaginação nos coloca na pele do solista e nos faz sentir como se fossemos nós que estivéssemos solando. Só não entendi o burro passando pelo campo.**

**O filme não diz, mas deixa explícito não somente um jogo de poder, respeito e questionamento a este poder, como também um jogo de interesses não explícitos. “Não mate ele, apenas canse-o”, diz um diálogo em off inicial que se repete no final. Tipo aquele conhecido ditado “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Um casamento que fere tradições de um lado e acaba imposto pela força por conta do pedido formal ter sido rejeitado, é aceito legalmente pelo outro por conta dos dogmas que este segundo criou, se fundamentou e usa de métodos e argumentos persuasivos para ser acatado como correto. É como se o primeiro não tivesse direito a escolhas e vontade própria. O impedimento e a argumentação da família de Safia se dão por um motivo não conclusivo: “Nós não o conhecemos”. Como a dizer: deixe-se conhecer e avaliaremos se você é digno ou não de se casar com a nossa filha.**

**O mesmo ocorre de certo modo com *Kidane*. Sátima está na mira de alguém que a ronda e a sonda quando o ele está ausente. Segundo comentário do cenógrafo e professor Renato Ribeiro: “Ao contrário do que se pensa, a roupa ocidental não valoriza a mulher. Expõe e vende seu corpo. Enquanto que o vestuário oriental esconde o corpo da e coloca em evidência o seu conteúdo”. O prefácio do livro “*Conquistas humanas - Vestuário*” escrito por Ruth Guimarães faz uma boa reflexão sobre a função do vestir e da moda. A recusa de Sátima em não cobrir o rosto com o véu expõe a sua força interior. A meu ver a cena expressa este ponto de vista do mestre Renato. Tanto que ela alerta ser uma mulher casada e ele aparece somente quando seu marido não está. E por estar na casa dela não vai acatar ordem de estranhos. Ele que vá embora. A fronteira, a porteira, é a tenda. Ali temos simbolicamente um limite estabelecido. E como as leis não permitem adultério fica-se a espreita. E o tormento pelo desejo contido é tanto que o gramado de uma sugestiva montanha é metralhado pelo oficial.**

**A oportunidade fica aberta por um tiro e morte accidental ou de auto-defesa (*Amadou* estava tentando afoga-lo), abre precedentes para que tal intento se consuma. Não está dito. A forma como o disparo ocorre é confusa e pouco verossímil. Mas fica explícito nas entrelinhas o fim de algo para começo de outro. O ângulo panorâmico do desfecho desta cena é algo em si triste e belo. Do mesmo modo que a morte de *GPS* poderia ter sido evitada. Mas *Amadou* se vale de um provável direito territorial e mata o animal sem lhe dar direito à clemência. *GPS* se enroscou nas redes de pesca, deixando *Issan* apavorado. Algo como o *Negrinho do Pastoreio*, em outro contexto. A mesma clemência e oportunismo que sua família não tem para com *Kidane*. Só não soa cômico por ter sido trágico, é a contrapartida pelo perdão com o pagamento de quarenta vacas, quando se tem agora apenas sete, e tendo o juiz como porta-voz da família sacrificada, mediado por um tradutor que não é da região, não é da família. A morte de *GPS* contém oito ângulos, em plano e contra-plano, até chegar num cortante big close das suas patas. Tento imaginar como os indianos receberam estas cenas.**

***Mobi*, um simples garoto que gostava de cantar Rap está sendo treinado e dirigido para provavelmente ser porta-voz e agente do grupo em algum ataque suicida. Ele tem seus motivos para estar ali, mas ainda não está totalmente convencido dos atos que terá que praticar. Sua**

**posição e argumentação são inconsistentes. As dúvidas que perpassam seu íntimo ficam evidentes. Ele tem inimizades e antipatias. Mas talvez não da forma como estão tentando incutir-lhe. Algo como “O Paraíso Agora” (Paradise Now), de Hany Abu-Assad.**

**Quinta parte.**

**Por outro lado, o respeito e afetividade a mulher se fazem presentes na relação com Sátima e com filha Tayo. Num meio predominantemente masculino, onde ser homem e ter filho homem é motivo de orgulho, um marido e pai valorizar a mulher na figura da esposa e da filha, na presença de um juiz, soa como algo perigoso e contaminável. Que o diga “Madame Brouette”, de Moussa Sene Absa. O feminismo africano difere do feminismo ocidental. Em alguns países africanos a presença, voz e opinião da mulher são levadas a termo. Vide Njinga – a rainha de Angola, de Sérgio Graciano. Já em outros. O documentário “Mulher, o pilar africano”, exibido pela TV Escola, por exemplo, “trata da questão de gênero na África, onde as mulheres respondem por quase a totalidade da produção e não detém absolutamente nada da riqueza desses países”. A elas é dedicado o Dia da Mulher Africana, no dia 31 de julho, desde 1962, instituído pela organização Panafricana de Mulheres, visando integração, compartilhamento de experiências e o futuro do continente africano. A Dra. Cleide Aparecida Vitorino, os professores Vanderli Salatiel, Saddo Ag Almouloud, Vera Lúcia Benedito e Acácio Almeida têm mais propriedade para discorrer a respeito.**

**A princípio não gostei da personagem Zabou. Soou clichê batido e forçado. O arquétipo do desajustado já retratado com maestria por Charles Chaplin, em “Tempos Modernos”, juntamente com alguns personagens antológicos protagonizados por Dercy Gonçalves. O deslocado social quando não é bêbado, é louco, indigente, esquizofrênico, revoltado, barraqueiro, sem eira nem beira. Assim descreve tipos o pesquisador e escritor João Carlos Rodrigues, em O Negro Brasileiro e o Cinema. Alguns trechos estão disponíveis no site Mnemocine. Nele o autor enumera 12 tipos e avisa que a lista pode vir a ser maior. Desse modo, por seu desajuste, tanto psicológico quanto social, ele é quando muito apenas tolerado. O seu estado o torna inofensivo, e, portanto, reflete alguém que não deve ser levado a sério. Contudo Zabou me ganhou quando diz: “Não importa o tempo. O terremoto é o meu corpo. As rachaduras sou eu. Rachada dos pés a cabeça. Gonaive, estamos rachados. Nós dois estamos rachados”. Seu ponto de vista reflete todo um contexto em crise. O mesmo ocorre na fala de Tayo com Issan. “Meu pai é grande e forte. E se ele ainda está vivo é porque toca guitarra e canta. Ele não é daqueles que fazem a guerra. Quem faz a guerra morre rápido”. Remeteu-me aos filhos órfãos pelos conflitos gerados pelo narcotráfico. E da música “Na Subida do Morro”, dos Originais do Samba. “Valente morre mais cedo, valente antecipa o seu próprio fim”.**

**O ato inesperado que acaba por vitimar Sátima, a meu ver, tem três significados. 1) Ela, até então esquiva e reflexiva, recorreu ao ataque como forma de mostrar (sem bandeiras ou discursos) ao marido que o apoiava e estava com ele na vida e na morte. 2) Demonstra que ela, mesmo no seu recato conjugal, enquanto mulher islâmica não está para brincadeira e a disposição, como um objeto que se compra ou dele se apropria quando convém para pretendentes autoritários. 3) Sátima coloca a filha Tayo aos cuidados de uma pessoa que parece ser sua irmã (a semelhança é tanta que parecem gêmeas), por entender que o marido já está ou será morto e a filha será usada como bode expiatório e massa de manobra, após o fuzilamento do pai. Daí a fuga da menina para uma, digamos, liberdade, acompanhada pelos meninos. Os homens também estão presos. Em Madame Brouette o desejo de ser livre é representado pelo voo de uma pomba sobre o mar. A liberdade que Sátima tanto esperava para si e para sua família. Não consegui identificar quem pilota a moto. Seja ele quem for, manifesta dissidências. A luta é contra o mundo ocidental, não contra irmãos ou pessoas do vilarejo ocupado pelos jihadistas.**

**Sissako, em sua quarta produção, fez outro filme cebola. Cheio de camadas. Timbuktu não é para ser visto somente uma vez e com olhos viciados. Pede que descolonizemos e descondicionemos**

**as nossas mentes. O ritmo lento que o filme se desenvolve é contemplativo e reflexivo. Bem ao contrário do cinema americano onde tudo é acelerado, barulhento, carregado de sangue e pancadaria para não nos dar tempo de pensar. Este é um dos propósitos do cinema africano.**

**As questões de criatividade e de originalidade são em si um dilema. Não sei dizer até que ponto enriquece ou empobrece referências, possíveis citações e releituras das obras de outros autores em uma obra autoral. Timbuktu soa ao mesmo tempo singular e plural. É como se Sissako tivesse assistido a estes e outros filmes e resolveu dar a sua versão em um contexto e visão pessoal perante um fato ocorrido. Sembene em seu homérico debate com Jean Rouch afirmou: Vocês nos vêem como insetos.**

**Sexta parte.**

**Domingo de Páscoa tracei roteiro cultural e passei quase doze horas na rua. Concerto na Sala São Paulo, almoço em restaurante rodízio e self service, exposição na Caixa Cultural, show no Auditório Ibirapuera, e circo no Teatro Alfredo Mesquita para fechar a noite. Tive opções. Pude fazer escolhas. Traçar caminhos. Quantos neste dia tiveram? Ou então são sistematicamente assediados, encurralados, sabotados, neurolinguisticamente reprogramados para não ter ou não encontrar rumos e saídas? Por ter traumas familiares com álcool admiro a rigidez de evangélicos e muçulmanos. É preferível vê-los com uma bíblia ou o Alcorão, a uma garrafa ou revólver nas mãos. Timbuktu fala de pessoas acuadas, intimidadas, silenciadas. Pessoas que devem baixar a cabeça, aceitar o imponderável, perder o senso e o direito a escolhas. As periferias e cidades do interior, tanto do Brasil quanto da África estão cheios delas.**

**Pra terminar. Pra começar...**

**"Eu canto aos Palmares/odiando opressores/de todos os povos/de todas as raças/de mão fechada contra todas as tiranias!", Solano Trindade.**

**Não tenho base teórica para falar sobre os grupos jihadistas e o Estado Islâmico. Num mundo cada vez mais caótico e habitado por destruidores, destruídos e de programados para se autodestruírem por uma causa ou por causa nenhuma fica difícil estabelecer parâmetros. Apenas limito-me a perguntar: quem está financiando esses conflitos e com quais interesses? Em meio a tanta pobreza vemos picapes enormes e motos possantes. A marca Toyota aparece várias vezes. Qual intenção deste merchan? Por essas e outras sugiro como fonte de pesquisa o site do Icarabe. Sem receio ou temor afirmo que nos últimos anos, talvez por conta da idade, ando cauteloso, pé atrás com "ismos". O filme traz chocantes cenas de apedrejamento até a morte e chicotadas em público. Resultante de radicalismos, em 2012 uma menina paquistanesa foi baleada por defender campanhas pelo direito à educação. Ano passado, neopentecostais apedrejaram na cabeça, uma filha de santo, de 11 anos, adepta do candomblé, no Rio de Janeiro. Um extremista ariano matou a tiros nove membros negros de uma igreja batista, nos EUA. O número de mortes da juventude negra pelo racismo fardado nas periferias já beira os de genocídio. Se "o Haiti é aqui" Timbuktu também. E com essa convulsão política, imaginem se o militares e o militarismo voltam ao poder e destroem os acervos da Biblioteca Mário de Andrade, da ECA e FFLCH da USP, Pinacoteca do Estado, Masp, Museu da Repressão, dentre outros? No MIS está em cartaz a exposição "Prazeres Proibidos" sobre filmes pornochanchadas censurados no tempo da ditadura. Meu coração sangrou comovido pelos incêndios no Memorial da América Latina, Museu da Língua Portuguesa e Cinemateca Brasileira. Deviam ter sido no Planalto, Palácio dos Bandeirantes, Assembleia Legislativa, Câmara Municipal.**

**"Existe a sua verdade, a minha verdade e a verdade. Esta última encontra-se no centro e não pertence a ninguém". Tierno Bokar, sábio africano.**

**Nenhuma autoridade, credo, povo, governo, é dono de um país, de um continente, do planeta para determinar e impor o que é certo e o que é errado. Em meio a tantos rios de ódios e**

**intolerâncias, que oceanos de amor e convivência sadia legaremos às gerações futuras?**

**Deixo aqui a indicação: 1) do livro Cinema no Mundo - África - Volume 1, de Alessandra Meleiro, Editora Escrituras. Descrição: Este primeiro livro da coleção Cinema no Mundo: Indústria, Política e Mercado é dedicado a África e traz as tendências e evolução do cinema africano e sua ideologia (Ferid Boughedir), o questionamento da descolonização da mente como pré-requisito para a prática criativa do cinema africano (Ngugi Wa Thiong'o), a iconografia do cinema da África Ocidental (Manthia Diawara), o papel dos festivais na recepção e divulgação do cinema africano (Mohamed Bamba), o pós-apartheid e o cinema sul-africano (Keyan Tomaselli & Arnold Shepperson), o cinema africano ao norte e ao sul do Saara (Roy Armes) e o boom da vídeo-economia da Nigéria (Françoise Balogoun).**

**2) Quem estiver no continente. Mais precisamente em algum dos Palops e puder trazer o livro "Moçambicanos perante o cinema e o audiovisual", do historiador e antropólogo Guido Convents, vai contribuir bastante para a difusão do cinema africano. A introdução dele está disponível no blog Cine África. O qual por algum motivo desconhecido até presente parou de ser atualizado. A última data de outubro/2014. Tenho enviado emails e não obtido resposta.**

**3) Outra fonte para consulta e pesquisa é o site do CineFrance. "Criado pelo Serviço Audiovisual da Embaixada da França com o objetivo de reforçar a promoção do Audiovisual francês no Brasil e disponibilizar informações para os profissionais, os parceiros da Cinemateca e de forma geral para os cinéfilos que gostam do cinema francês".**

**4) Em meados de 1990, não sei precisar a data, a TV Cultura exibiu uma mostra denominada Sessão de Cinema Africano, coordenada e apresentada pelo crítico Rubens Ewald Filho. Além dos títulos desta mostra que não foi reprisada, a exemplo de outras, gostaria também de saber aonde posso encontrá-los. Já virei o Google de cabeça pra baixo e não encontrei nada a respeito desta programação. Talvez porque na época não havia Internet. Quem tiver contato com ele, talvez possa nos ajudar. Postei mensagem a respeito no Facebook do sr. Rubens e também até a presente data não obtive resposta.**

**5) O Cinetoscópio publicou uma lista comentada e intitulada "20 filmes essenciais do cinema africano": "O cinema africano levanta uma variedade de tópicos, desde o passado às relações atuais do estado moderno. As imagens mostradas na maioria dos filmes são partes de uma história grandiosas construída em camadas de analogias, metáforas e eventos sociais. Filmes africanos serão sempre contemplados como arquivos valiosos da memória, conhecimento e sabedoria. Que valem à pena preservar, reinterpretar e estudar".**

**6) A coleção Photo Poche, pela Cossac Naify, publicou o homônimo livro "Seydou Keita" (1923-2001). "Uma das maiores testemunhas fotográficas da história do Mali. Principal discípulo de Mountaga Dembélé - o primeiro fotógrafo malinês que se tem notícia - Keita, retratou figuras da sociedade de Bamako (...), acompanhou de perto o início da ocidentalização do país, a partir dos anos 1950".**

**7) Soube da existência de quadrinistas africanos, mas no momento nenhum nome que me foi citado vem à mente. Sugiro a quem possa interessar peça entrar contato pelo Facebook, com Marcelo d'Saete, autor das cinematográficas novelas Cumbe, Risco, Encruzilhada, e Noite Luz. Foi quem me informou.**

**8) E com base neste contexto listo sete tópicos para pesquisa e reflexão sobre este apaixonante e pedagógico tema e vida, que é o cinema da África, aqui compilados do site Panorama do Cinema Africano:**

**1) O advento do cinema subsaariano coincidiu com a independência de muitas nações africanas depois de anos de subordinação colonial.**

**2) Os cineastas africanos têm um grande comprometimento com as questões da cultura africana e das identidades nacionais.**

**3) Por mais de três décadas, filmes têm sido produzidos na África com voz, conteúdo e opção estética muito ricos, sempre com sentido histórico, e criativamente comprometidos com a realidade social do continente.**

**4) Os filmes incorporam tradições orais e costumes locais de comunicação, e, quando conseguem atingir seu público, são imensamente populares.**

**5) O cinema africano é tão diversificado atualmente que é difícil estabelecer delimitações, ou classificações, que envolvam a temática ou as questões estilísticas.**

**6) Filmes do mundo árabe tendem a se concentrar no problema da Palestina ou na questão do fundamentalismo islâmico.**

**7) Filmes do restante da África se concentram em temas como modernidade versus tradição.**

**Peço desculpas se saí do foco. Meu raciocínio e modo de escrita são às vezes, uns tanto caóticos, verborrágicos e retrô. Aprendi com os antigos que “é preciso conhecer o passado para nos situarmos no presente e traçarmos o futuro”. Não consigo fugir deste tripé quando sento para escrever. Por enquanto e na humildade, é o que tenho a oferecer. Lu, espero estar ajudando. OUBIgrato pela oportunidade. Se amar a arte é pecado eu não quero ser salvo. “Salaam Cinema” com muito Axé!**

**Oubí Inaê Kibuko, Cidade Tiradentes, março/2016.**

**Postado há 5th April 2016 por [Oubí Inaê Kibuko: Fotógrafo e Editor de Cabeças Falantes](#)**



**Adicionar um comentário**

Digite seu comentário...

Comentar como:

Publicar

Visualizar